

TORTO ARADO E O ESPAÇO DO SER-TÃO DIFERENCIADO: A LÍNGUA, A TRANÇA, O DESEJO ENTRE MULHERES

CROOKED PLOW AND THE SPACE OF BEING SO DIFFERENTIATED: LANGUAGE, BRAID, DESIRE AMONG WOMEN

Paulo César Souza García¹
Nádja Nayra Brito Leite²

Resumo: o romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, aborda lugares de fala de mulheres que ganham terreno fértil na narrativa cujas posições de si se revelam no ato de resistir ao patriarcado e à masculinidade hegemônica. A proposta da nossa investigação visa refletir como as personagens Belonísia e Maria Cabocla se destacam no contato mais afetivo e, mesmo sem estar representado visivelmente o feminismo lésbico na ficção, existem imagens e relatos recorrentes para as quais a afetividade entre elas é insidiosa. A “colonialidade do ser” abarca os estudos sobre subjetividade e, dessa forma, a lesbianidade torna-se um campo discursivo significativo a retratar. Trata-se de compreender com a narrativa a possível relação de desejos, os atos que visam à prática de liberdade ou das identidades sexuais que emergem em mais um retrato que desconfigura o espaço do sertão conforme a linha de criação em *Torto Arado*.

Palavras-chave: Crítica cultural; literatura brasileira contemporânea; colonialidade do ser; feminismo lésbico; lesbianidade.

Abstract: Itamar Vieira Júnior's novel *Torto Arado* addresses the voices of women who gain fertile ground in the narrative, whose positions on themselves are revealed in the act of resisting patriarchy and hegemonic masculinity. Our research aims to reflect on how the characters Belonísia and Maria Cabocla stand out in their more affectionate interactions, and even without explicitly representing lesbian feminism in the fiction, there are recurring images and accounts in which the affection between them is insidious. The “coloniality of being” encompasses studies on subjectivity, and thus, lesbianism becomes a significant discursive field to portray. It is about understanding, through the narrative, the possible relationship of desires, the acts aimed at the practice of freedom, or the sexual identities that emerge in yet another portrait that reconfigures the space of the sertão (Brazilian backlands) according to the creative line in *Torto Arado*.

Keywords: Cultural criticism; contemporary Brazilian literature; colonality of being; lesbian feminism; lesbianism.

“[...]Eu quero voar, Escrever o meu enredo,
Liberdade é não ter medo! Eu não vou entrar nessa jaula,
Eu não nasci pra ser adestrada, Me deixa correr no espaço,
Deixa eu exibir a minha pele pintada”
Larissa Luz / Pedro Itan³

1 INTRODUÇÃO

Os versos da canção “Descolonizada” – “Eu não vou entrar nessa jaula / eu não nasci pra ser adestrada” – ecoam como provocação inicial para as reflexões propostas neste

¹ Professor Titular Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua na licenciatura em Letras e na Pós-graduação em Crítica Cultural. Pesquisa identidades sexuais e de gêneros na literatura, autoficcionalidade e crítica cultural.

² Mestra em Crítica Cultural. Atualmente, cumpre o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisa feminismos, decolonialidade e crítica cultural.

³ Letra da música “Descolonizada” dos compositores Larissa Luz e Pedro Itan, cantada por Larissa Luz, presente no álbum *Território Conquistado*, lançado em 2016. A letra foi retirada do site <https://www.letras.mus.br/larissa-luz/descolonizada/>. Acesso em: 14 mar. 2026.

artigo. A recusa à domesticação e às estruturas de controle dialoga diretamente com debates contemporâneos sobre colonialidade, gênero e sexualidade, convidando a pensar as formas pelas quais os corpos e os desejos são regulados em diferentes contextos sociais.

Torto Arado⁴, romance de Itamar Vieira Junior, ambientado no sertão brasileiro, marcado pela memória da escravidão, pela luta ao direito à terra e pelas desigualdades sociais, constrói um universo em que as experiências femininas assumem papel central. Personagens como Donana, Belonísia e Bibiana evidenciam diferentes formas de resistência e de reexistência feminina, revelando como mulheres negras e camponesas negociam suas subjetividades em um contexto atravessado por relações históricas de poder.

Contudo, para além da evidência desse protagonismo, torna-se relevante investigar como determinadas relações e gestos narrativos podem revelar camadas mais sutis da construção das identidades e das experiências afetivas das personagens. Tal investigação ganha importância quando se considera que o espaço social retratado no romance é marcado por uma estrutura de poder forjada a partir da colonialidade, que institui hierarquias raciais, de gênero e de sexualidade profundamente enraizadas na história social brasileira.

O artigo propõe analisar alguns aspectos discursivos presentes na narrativa que apontam para a constituição de subjetividades femininas em meio a tais estruturas de poder. Focaliza-se a relação entre Belonísia e Maria Cabocla, de modo a refletir como os atos entre elas visam a questionar a colonialidade do ser atada ao feminismo lésbico.

Ao explorar a referida relação, buscamos compreender de que maneira o romance abre espaço para leituras que tensionam a normatividade heterossexual e revelam possíveis manifestações de desejo entre mulheres. O que proporciona dialogar com perspectivas decoloniais que vão em combate à imposição histórica de modelos eurocentrados de organização social e sexual, e com reflexões do feminismo lésbico que problematizam a heterossexualidade compulsória como estrutura de poder.

2 [DE]COLONIALIDADE DO SER/GÊNERO E EXISTÊNCIA LÉSBICA EM TORTO ARADO

Enquanto Aníbal Quijano (2005) enfatiza as relações de poder e a forma como a colonialidade estrutura hierarquias sociais, a professora Maria Lugones (2020) amplia essa análise ao evidenciar que o gênero é um eixo central desse sistema, intrinsecamente articulado à raça e a outras formas de opressão. Ela propõe uma abordagem que valoriza a multiplicidade das experiências e identidades, entendendo a colonialidade⁵ como um fenômeno cujos efeitos se manifestam de forma desigual entre os diferentes grupos sociais.

⁴ O romance Torto Arado (2018) faz parte da Trilogia da Terra, composta também pelas obras Salvar o Fogo (2022) e Coração sem Medo (2025).

⁵ Colonialidade é a estrutura de dominação cultural, intelectual e social que sobreviveu à independência das nações, pós-colonialismo.

Em diálogo com essa vertente, Maldonado-Torres (2022) argumenta que a subjetividade é o ponto de convergência das dimensões da colonialidade – do poder, do saber e do ser. Neste sentido tornar-se premente analisar os meandros das narrativas de Belonísia e Maria Cabocla, a fim de compreender como o encontro delas subverte o sistema moderno-colonial.

Maldonado-Torres também compreende a colonialidade do ser como um regime que sustenta a desumanização por meio do controle dos corpos e das formas de existência, legitimado pela tradição e pelo senso comum, privilegiando determinados grupos em detrimento de outros. A imposição de papéis de gênero pode ser compreendida como uma tecnologia de poder da colonialidade do ser, uma vez que disciplina corpos, regula comportamentos e delimita formas legítimas de existir. Essa dinâmica se evidencia na narrativa de Torto Arado, na construção da personagem Belonísia. Seu corpo e suas ações tensionam os limites impostos pelo gênero, como no relato de Bibiana descrevendo a irmã: “...embora Zeca sempre **lembrasse que ela era mulher**, e lhe negasse determinadas tarefas [...] Era como se estivesse sempre esperando a oportunidade para **demonstrar sua força**, seus conhecimentos e sua destreza” (Vieira Júnior, 2018, p. 64-65, grifo nosso). Se a norma impera no raio do sertão, onde também é sustentada por processos de socialização e atua desde o processo formativo para ser sujeito, as narrativas em Torto Arado se valem de crenças e de representações simbólicas que desafiam a imposição de papéis de gênero assimétricos e opressivos.

Conforme apontam Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), a subjetividade é fabricada no registro do social por meio de máquinas de expressão – dispositivos que produzem e naturalizam modos de sentir, desejar e existir. O casamento funciona como uma dessas máquinas de expressão, ao instituir e legitimar normas sobre os corpos, os afetos e as relações, regulando o que é reconhecido como forma legítima de vida. Em Torto Arado, essa lógica se materializa na imposição do casamento de Belonísia com Tobias. “Meu pai se dirigiu a mim... disse que Tobias o havia procurado com respeito, porque queria me levar pra morar com ele” (Vieira Junior, 2018, p. 92). O enlace da nordestina com Tobias foi acordado entre homens, tendo a mulher como objeto de troca nessa “negociação”. Belonísia relata: “Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem **tinha feito um excelente negócio** ao trazer uma mulher para sua tapera” (Vieira Junior, 2018, p. 98, grifo nosso).

Esse padrão não é exceção, mas parte de uma estrutura mais ampla, em que corpos femininos são objetificados desde a adolescência e destinados à transferência de tutela, dos pais aos maridos, sob a aparência de normalidade social. “Muitas caíam sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. **Sucumbiam ao domínio do homem**, dos capatazes, dos fazendeiros das cercanias” (Vieira Junior, 2018, p. 45-46, grifo nosso). Nessa direção, a

historiadora Beatriz Nascimento também nos alerta: “Essas relações são marcadas mais por um desejo de exploração por parte do homem do que pelo desejo amoroso de repartir o afeto, assim como o recurso material” (Nascimento, 2021, p. 227).

No percurso de Belonísia vê-se tanto a recusa aos papéis de gênero rigidamente estabelecidos quanto a violência simbólica e material que a reinscreve nesses limites, no casamento imposto, que evidencia a persistência dos mecanismos de controle sobre seu corpo e sua vontade.

Toda mudança orientada à descolonização – seja no plano político, racial ou de gênero – exige não apenas transformação estrutural, mas também desobediência epistêmica que desestabilize os modos hegemônicos de pensar, sentir e existir (Mignolo, 2008). Por isso, descolonizar gênero e sexualidade implica reconhecer a pluralidade histórica das experiências entre mulheres e compreender o amor entre mulheres como prática de resistência às estruturas de poder que historicamente buscaram silenciá-lo.

Nessa direção, torna-se fundamental investigar, em Torto Arado, as fissuras que tensionam a lógica da colonialidade. Essas fissuras se manifestam na construção de uma outra geografia dos corpos, marcada pela emergência de desejos, afetos e práticas que escapam às normas impostas pela ordem colonial, patriarcal e heteronormativa. É nesse horizonte que se insere a relação entre Belonísia e Maria Cabocla, um dos pontos de inflexão da narrativa, na medida em que desloca expectativas normativas de gênero, sexualidade e pertencimento.

O feminismo lésbico está associado ao feminismo decolonial⁶, por compreender a homossexualidade e a identidade sexual entre mulheres como forma de resistência às instituições patriarcais. Surgido na década de 1970, sobretudo na América do Norte e Europa Ocidental, emerge da insatisfação de feministas lésbicas com a Segunda Onda⁷ do feminismo, que desconsiderava as dissidências de sexualidade. Belonísia e Maria Cabocla expressam um *front* possível ao lidarem com o processo de marginalidade que sofrem e se envolvem com a máxima de enfrentamento ao sistema patriarcal.

O conceito de heterossexualidade compulsória, de Adrienne Rich (2012), é central para compreender como a heterossexualidade opera não como escolha, mas como uma instituição política que invisibiliza trajetórias dissidentes e produz a [in]visibilização histórica das experiências lésbicas (Rich, 2012). Em congruência, a sociologia Nigeriana Oyérónké Oyewúmí (2019) chama atenção para o fato de que as concepções ocidentais de

⁶ O feminismo decolonial constitui uma perspectiva teórica e política que questiona os limites do feminismo hegemônico ocidental, ao evidenciar seu enraizamento em experiências eurocentradas. Vinculado ao pensamento do Sul Global, não trata gênero como categoria isolada, mas como dimensão indissociável das hierarquias raciais, econômicas e epistêmicas, revelando como raça, classe e gênero se articulam na produção de subjetividades e desigualdades.

⁷ As chamadas “ondas” do feminismo referem-se a momentos históricos distintos do movimento: a primeira, voltada aos direitos civis e políticos, como o voto; a segunda, às desigualdades sociais, sexuais e no trabalho; a terceira, à crítica das identidades fixas e à valorização das diferenças; e a quarta, marcada pelo ativismo digital e pelo enfrentamento das violências de gênero em escala global.

sexualidade permanecem marcadas pela herança colonial, aprisionando experiências dissidentes em categorias homogêneas (*apud* Fatumma, 2023, p. 26).

Em Torto Arado, a trajetória de Belonísia ilustra o impacto desse mecanismo: o casamento com Tobias não nasce do desejo, mas de um arranjo patriarcal entre figuras masculinas. Ao afirmar, após a viuvez, que “tomou raiva de homem” (Vieira Júnior, 2018, p. 151) e recusar novas uniões, a protagonista rompe com a norma imposta, sugerindo que sua experiência anterior pode ser um subproduto da heteronormatividade que historicamente silencia potências e subjetividades lésbicas. Sendo assim, Belonísia, estabelecida pelo silêncio, buscar identificar a si como menos oprimida, no instante em que renega ser mais uma vez violentada pelo sistema e pelo comportamento de um marido – um opressor e um operante de uma masculinidade com a qual imprime o poder.

Para designar não apenas a presença histórica de mulheres que amam mulheres, mas a criação contínua de significados sobre essa experiência, Adrienne Rich (2012) postula os conceitos de existência lésbica e continuum lésbico. Ao expandir a compreensão das relações femininas para além da dimensão estritamente sexual, o *continuum* abarca formas de identificação e solidariedade fundamentais à sobrevivência das mulheres. Em Torto Arado, essa teoria encontra eco nas rodas de Jarê, nos encontros das lavadeiras e nos rituais de parto e reza; são espaços de sociabilidade que imprimem novas tessituras femininas coletivas. A materialização do *continuum* lésbico na trama atinge seu ápice no momento em que Belonísia afronta o marido de Maria Cabocla. Esse gesto de arrojo transcende a defesa individual; é uma ruptura com a “heterossexualidade compulsória” que isola as mulheres em seus núcleos domésticos de violência. Ao intervir fisicamente contra o opressor de outra mulher, Belonísia converte seu silêncio em agência, demonstrando que o vínculo e a identificação entre mulheres são capazes de desestabilizar a hegemonia da masculinidade violenta que impera no território.

A compreensão das trajetórias de Belonísia e Maria Cabocla exige a rejeição de visões homogêneas sobre a identidade lésbica. Como observa Cheryl Clarke (1981), não existe uma tipologia única para a experiência lésbica, tampouco uma resposta uniforme às pressões da heteronormatividade. Inseridas em uma realidade rural e patriarcal, ambas se submeteram ao matrimônio com homens, vivenciando opressões distintas. Contudo, o encontro entre elas desloca essa lógica, despertando um desejo que subverte as imposições do “lugar” e inaugura uma forma de existência baseada no reconhecimento mútuo e na dissidência.

Louro (1999) alerta que a homossexualidade foi historicamente confinada ao silêncio do espaço privado pela lógica da modernidade. Em Torto Arado, todas as interações de afeto entre Belonísia e Maria Cabocla aconteceram nas casas, especialmente da protagonista. “[...] na penumbra da casa mal iluminada pelo pequeno candeeiro” (Vieira Júnior, 2018, p. 129). Reforçando a dicotomia entre o mundo exterior, regido pelo trabalho e pela violência masculina, e o interior dos lares, onde a cumplicidade entre as duas mulheres desafia o

confinamento histórico. Essa reclusão pode ser lida como uma estratégia de preservação, na qual o espaço privado é convertido em um quilombo afetivo de resistência à norma estabelecida. Visto que para Foucault, a sexualidade deve ser compreendida como um dispositivo histórico, uma rede de práticas, discursos e saberes que estimulam prazeres, produzem conhecimentos e reforçam mecanismos de controle (Foucault, 1999). O filósofo demonstra que os dispositivos de sexualidade constituem estruturas complexas que regulam comportamentos e identidades sexuais.

3 BELONÍSIA E MARIA CABOCLA – A LÍNGUA, A TRANSA E O DESEJO

O relato do primeiro encontro entre as personagens Belonísia e Maria Cabocla coloca o leitor na relação de tensionamento: “[...] chegou uma pequena leva de trabalhadores à fazenda. Dentre eles, uma mulher franzina de **cabelos negros e lisos**, de nome Maria Cabocla. Estava na companhia do marido e seis filhos” (Vieira Júnior, 2018, p. 86, grifo nosso). Posteriormente, Belonísia conta que soube, pela primeira vez, das agressões proferidas à vizinha quando Maria Cabocla esteve em sua casa pedindo socorro: “Maria Cabocla me disse que fugia do marido, que estava louco, ensandecido, e que as outras crianças haviam se embrenhado na mata” (Vieira Júnior, 2018, p. 103). Do relato deste encontro, pontuamos trechos nos quais Belonísia cuida e observa Maria Cabocla:

Passei minhas mãos no seu cabelo, amarrei com um tira de tecido velho que guardava para as necessidades. Só naquele momento vi de forma mais clara o rosto de Maria Cabocla, com **sua pele acobreada** de índia. [...] Seu corpo miúdo tinha manchas púrpuras, era possível ver à luz do dia. **Mulher bonita**, minha mãe diria, mas maltratada (Vieira Júnior, 2018, p. 103-104, grifo nosso).

Belonísia observa, por mais uma vez, o corpo da vizinha: “Em pé, olhando Maria sentada na cadeira, **vi seus seios pequenos**, subindo e descendo na inquietude de sua respiração desolada” (Vieira Júnior, 2018, p. 104, grifo nosso). Na sequência da narrativa, a muda relata que Maria Cabocla havia ocupado seus pensamentos antes de dormir e que suas rezas noturnas eram pedidos de proteção para ela e para as crianças. Aos poucos, a convivência entre as mulheres vai se tornando mais intensa. “Quando não havia trabalho me agarrava à colheita do buriti e do dendê, e **seguia com Maria Cabocla** e outras mulheres para a feira da cidade” e “**Esperava Maria Cabocla** vir com os meninos para saber como eu estava, e fazia questão que levasse aipim, feijão de corda, abóbora e batata para sua casa” (Vieira Júnior, 2018, p. 123-124, grifo nosso). Diante da intimidade crescente, Belonísia surpreende-se com a própria coragem ao não temer o enfrentamento com Aparecido, marido de Maria Cabocla. Ela hesita sobre a gênese dessa bravura: se fruto da solidão após a morte de

Tobias, se herança da valentia de Donana ou se, fundamentalmente, originada pelo **“o desejo de defender a mulher Maria...”** (Vieira Júnior, 2018, p. 127, grifo nosso).

Mesmo que Belonísia já desejasse proteger a “amiga”, pode-se considerar que o primeiro ato de contato físico mais íntimo entre elas, ocorre quando Belonísia acolhe Maria Cabocla e filhos para protegê-los de Aparecido. Depois das mulheres cuidarem das crianças, há esse desvelar:

Sem conseguir se concentrar nos fuxicos⁸ que pretendia fazer, que talvez tentasse fazer àquela hora para **aliviar a inquietação que consumia seu corpo**, Maria Cabocla colocou a pequena caixa de lado e se dirigiu a mim... vi suas **mãos trêmulas**, nodosas, **se aproximarem de minha cabeça** (Vieira Júnior, 2018, p. 129. grifo nosso).

O fuxico deixa de ser um mero fazer artesanal para se revelar como um dispositivo de contenção psíquica. A incapacidade de Maria em concentrar indica que a “inquietação” mencionada é somática, manifestando-se no contraste entre a delicadeza pretendida da costura e a realidade das mãos “trêmulas e nodosas” que buscam o contato com a outra mulher. Ao deixar a caixa de lado, a personagem permite que o corpo – marcado pela lida e pela penumbra – se torne o veículo de uma comunicação afetiva que a palavra ou o ofício não conseguem mais mediar. A intimidade entre elas continua e Belonísia se encanta com a aproximação da amiga:

[...] disse retirando o lenço de minha cabeça, **quando senti uma onda quente percorrer o interior de meu peito. Passou a mão sobre meu cabelo crespo, deixando que seus dedos se emaranhassem nele. Senti um conforto que nunca havia sentido com o toque de qualquer pessoa.** Poucas vezes deitei no colo de Donana ou de minha mãe para que fizessem o que Maria me fazia agora. **Recendia um cheiro** de água doce, que bem conhecia, **de seus poros** (Vieira Júnior, 2018, p. 129-130, grifo nosso).

Surgem expressões que reportam à emersão do desejo – onda quente, interior do peito, toque, conforto, cheiro, poros. A metáfora do calor, recorrente na tradição poética – como em Luís de Camões⁹ ao afirmar que “amor é fogo que arde sem se ver” – aproxima-se da descrição de Belonísia ao dizer que “senti uma onda quente percorrer o interior de meu peito”. A protagonista destaca ainda que nunca havia experimentado aquele tipo de toque e

⁸ O fuxico é uma técnica artesanal nordestina que consiste em costurar pequenos pedaços de tecidos para formar flores de várias cores. O fuxico pode ser usado para criar peças de decoração de interiores ou artigos de moda.

⁹ Luís Vaz de Camões é considerado o poeta nacional de Portugal, o maior representante do renascimento português, autor do soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”

que havia deitado poucas vezes no colo da mãe e da avó. Os trechos seguintes reforçam a reciprocidade que houve no encontro:

Seu cabelo é muito preto, Belonísia. Nunca te vejo sem lenço. Sem que voltasse meus olhos para encontrar os seus, **deixei que ela afundasse as mãos em mim**. Parou. Foi ao quarto para pegar algo. Passou a trançar o meu cabelo escorando o pente que desembaraçava os fios e fazia tranças rentes ao couro cabeludo. **Por um instante fechei os olhos para sentir melhor as pontas de seus dedos**, que alternavam voltas entre **falas e silêncios preenchidos apenas por sua respiração ofegante**, em contraste com a minha, que estava cada vez mais lenta, como se me preparasse para dormir. Quando terminou o penteado eu **estava quase cochilando e senti o calor de seu corpo próximo à minha cabeça**. Levei minhas mãos para sentir as formas do cabelo, já que não havia espelho, e sem querer **encontrei a sua pele áspera**. Caminhos se formaram no alto de minha cabeça e pareciam se moldar com a **quentura que percorria meu corpo** (Vieira Júnior, 2018, p. 130, grifo nosso).

A retirada do lenço, elemento que resguarda a identidade de Belonísia, marca o início de uma vulnerabilidade consentida: ao deixar que a amiga “afundasse as mãos” em si, a protagonista permite uma invasão do espaço íntimo. O ato de trançar o cabelo, descrito com minúcia técnica (“tranças rentes ao couro cabeludo”), opera como uma forma de escrita corporal onde os dedos de Maria Cabocla alternam entre “falas e silêncios”. A passagem destaca um contraste fisiológico significativo entre a “respiração ofegante” de Maria e a lentidão de Belonísia, que se entrega a um estado de entorpecimento que sinaliza o relaxamento das tensões de um corpo historicamente condicionado à vigilância e ao esforço. Já a imagem dos “caminhos” que se formam no alto da cabeça de Belonísia simboliza a cartografia de uma nova subjetividade. O penteado não apenas molda os fios, mas parece organizar a “quentura” que percorre o corpo, transformando o contato físico em um evento transformador. O que Vieira Júnior descreve, portanto, é a construção de lampejos de corpos-afeto, onde a proteção e o reconhecimento mútuo se materializam no desenho das tranças e no calor da proximidade física.

Recorremos ao sociológico Adriano De León para sustentar que há desejo nos relatos em Belonísia pois “O desejo escorre entre as frestas da linguagem, nos seus vazios e interstícios” (De León, 2012, p. 7). Contudo, uma interpretação mais plural pode dizer que os retratos de intimidade entre as personagens estão no entrelugar¹⁰ entre a sororidade feminina e o desejo lésbico, aberto a possibilidade de corpos outros amparados pelo sentimento de desejar. Talvez seja pela força do elo romanesco, que imprime a fantasia e o imaginário, como ato de querer vivenciar a pureza em estado d’alma. O relato do encontro prossegue:

¹⁰ A observação é partir da acepção de entrelugar como um arranjo espacial que é fronteira, ou seja, que separa e limita, mas também permite o contato e a aproximação.

[...] Tentei **resistir** por algum tempo, mas depois aceitei. “Pode ficar despreocupada”, me disse, **“deite aqui do lado que eu deito**, porque Tião tem mal dormir”, disse ajeitando as pernas do menino e das duas meninas que dormiam em sua cama, “se o homem chegar, te acordo” Senti o cheiro de água doce no lençol que recobria a cama e por muito tempo **resisti** ao sono, **tentando acalmar o interior de meu corpo que ainda pulsava vivo ao afeto que havia recebido** (Vieira Júnior, 2018, p. 130, grifo nosso)

O escritor utiliza mais de uma vez o verbo “resistir” para descrever as ações de Belonísia diante de Maria Cabocla. Nesse contexto, resistir não indica apenas recusa, mas o esforço de conter um impulso que insiste em se afirmar. A repetição do verbo marca um ponto de tensão na subjetividade da personagem: entre a contenção e o desejo, entre a norma e a experiência vivida. O corpo, que até então se inscrevia apenas no regime do trabalho, passa a responder ao afeto, “pulsando vivo” diante da presença da outra. Ao permitir esse atravessamento, Belonísia mobiliza aquilo que Audre Lorde define como força do erótico, entendida não como mera dimensão sexual, mas como potência sensível que reorganiza a relação da mulher consigo mesma e com o mundo.

Há muitos tipos de poder, usados e não usados, reconhecidos ou não. O erótico é um recurso dentro de cada uma de nós, que paira num plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos impronunciados ou não reconhecidos (Lorde, 1984, p. 53).

A resistência cede lugar a uma contra-conduta; o medo da chegada do “homem” – a personificação da norma – é temporariamente suspenso pela afirmação de um vínculo que a estrutura de poder não previu e não consegue capturar totalmente, tentando acalmar o interior de meu corpo que ainda pulsava vivo ao afeto.

O acontecimento da trança e todas as provocações corporais advindas ficaram na memória de Belonísia: “Durante muito tempo depois daquela noite, fechei os olhos para tentar **sentir de novo Maria Cabocla**” (Vieira Júnior, 2018, p. 130, grifo nosso); ou “Dormi com essas coisas **martelando na moleira**, pensando em Maria machucada, sozinha, com **vontade de lhe agradar**, de **pentear seus cabelos** dessa vez, fazer uma trança se o brilho oleoso, que desprendia dele, deixasse” (Vieira Júnior, 2018, p. 134, grifo nosso). Como revela De León, “As técnicas de disciplina e controle do desejo fazem com que ele [o desejo] se realize na linguagem, tome corpo, então” (De León, 2023, p. 7).

O ato do penteado é simbólico e recorrente ao representar a intimidade de corpos que é trocada entre as mulheres, cujas nuances de afeto e desejos se sobrepõem a um simples ato de mexer com os cabelos, e sobre os quais Belonísia gostaria de preservar e manter: “Se ela tivesse visto minha cabeça veria que **ainda preservava as tranças** que havia

feito uma semana antes, e nos nossos olhos tudo que advinha daquele **gesto íntimo**” (Vieira Júnior, 2018, p. 132, grifo nosso). Reforça-se ainda que as tranças constituem um aparato de fazer a si pela reexistência das mulheres negras. Como observa a estudiosa Portuguesa Grada Kilomba:

Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza (Kilomba, 2019, p. 83).

O ato de pentear e trançar transcende a estética e assume uma densa carga simbólica, funcionando como uma manifestação política de resistência. Trançar o cabelo – ou desfazer o penteado – opera como uma intervenção direta no corpo, uma reconfiguração da própria estrutura do ser. Esse gesto de autonomia desestabiliza o protótipo da mulher submissa, tradicionalmente atada aos desmandos da lógica patriarcal. Ao se apropriar do próprio corpo através do trançar, a mulher negra rompe com a binariedade da submissão e reafirma sua agência política e subjetiva.

O relato em Santa Rita Pescadeira sobre Belonísia, ratifica nossa interpretação sobre a relação entre as mulheres: “[Belonísia] quis proteger Maria Cabocla, a mulher que **a tocou com as pontas dos dedos**, que trançou seu cabelo e a fez **deitar na cama** para descansar como se fosse uma **guerreira amada**” (Vieira Júnior, 2018, p. 219, grifo nosso). A encantada narra uma sequência de intimidades comum à existência lésbica – “a tocou com a ponta dos dedos”, “a fez deitar na cama” e termina utilizando a expressão “guerreira amada”. Interessante enfatizar que além desta aparição, no livro, a palavra “amor” e/ou derivados está apenas na epígrafe de Raduan Nassar¹¹.

Diante disso, impõe-se a constatação de que Itamar Vieira Júnior não conduz Belonísia, enquanto “guerreira amada”, à vivência plena de uma experiência amorosa concreta com Maria Cabocla, mantendo essa relação no campo da sugestão e da contenção. Nesse sentido, torna-se necessário analisar como a ausência da fala articula à subjetividade de Belonísia. A natureza dessa mudez exige uma investigação mais profunda: não se trata apenas de uma perda anatômica, mas de uma construção de linguagem. Os relatos da personagem evidenciam que:

¹¹ A epígrafe do romance Torto Arado é “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo” Raduan Nassar. Raduan Nassar é um escritor brasileiro agraciado com o Prêmio Camões, em 2016, autor de “Lavoura Arcaica”, entre outros livros.

Passado muito tempo, resolvi tentar falar [...] ainda recordo da palavra que escolhi: arado. [...] Gostava do som redondo, fácil e ruidoso que tinha ao ser enunciado. [...] O som que deixou minha boca **era uma aberração**, uma desordem, como se no lugar do pedaço perdido da língua tivesse um ovo quente. Era um arado torto, **deformado**, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la **infértil**, destruída, dilacerada (Vieira Júnior, 2018, p. 111, grifo nosso).

A recusa em falar quando emiti um som torto, deformado, pode ser simbólica diante da recusa de manifestar a sexualidade dissidente de forma mais concreta. Silenciou/abafou/cortou a voz como silenciou/abafou/cortou o desejo por Maria Cabocla? “Destruavar a língua”, “o gato comeu a língua”, “dar à língua”, “dobrar a língua”, “não ter papas na língua”: são vastas as expressões que se podem relacionar à palavra “língua” em sentido figurado. E a escolha do autor, por ter preferido Belonísia para ser aquela cuja língua teve o corte, pode ser também um recurso linguístico simbólico que semeia o sentido do contexto social e cultural de gênero que se atém a retenções e aprisionamentos. Expressões que a narrativa incorpora e que esperneia o lado do ímpeto sexual lésbico, como um corte na sua existência lésbica. Não se quer dizer que o desejo afetivo-sexual seja definidor da história de Belonísia ou de Maria Cabocla, poderia ser uma manifestação momentânea, considerando a fluidez da sexualidade. Mas a língua ferida e felina de Belonísia, que se torna virulenta em expressão de resistência coletiva e individual, pode não ter sido cortante o suficiente para romper os preceitos cisheteronormatizantes, centrados na heteronormatividade compulsória da sociedade retratada no livro.

Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. **Era a língua ferida** que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos **ruídos estranhos** que haviam substituído sua voz (Vieira Júnior, 2018, p. 76, grifo nosso).

Rich (2012) sugere que a sociedade muitas vezes silencia e invisibiliza as experiências lésbicas, levando à ideia de que ser heterossexual é a única conduta normalizada e aceita. Monique Witting no texto O pensamento hetero (2022) discute que:

Os discursos que particularmente nos oprimem a todas nós, lésbicas, mulheres e homossexuais, são os que pressupõem que o que fundamento da sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade [...] esses discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido de que nos impedem falar a menos que falemos nos seus termos (Wittig, 2022, p. 59).

Por viver em uma sociedade condicionante a regras de conduta e papéis de gênero rígidos, muitas mulheres não assumem a lesbianidade, temendo preconceito e agressões, e por isso mantem a vivência lésbica em sua plenitude presa ao armário do enquadramento sócio-político dominante. O simbolismo do facão, que amolado corta a língua de Belonísia, desestrutura a normatividade ou faz guerrear contra um padrão único de existência. Contudo, uma pergunta se instala: por que em Torto Arado não vingou o poder da faca, da fala, das expressões linguísticas que pudessem unir os corpos de Belonísia e de Maria, em desejos desregrados?

Se a liberdade não é uma condição natural, mas uma construção atravessada por práticas sociais e instituições, como propõem Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), então a subjetividade não se apresenta como algo fixo, mas como um campo passível de desconstrução e reconfiguração. Nesse horizonte, a multiplicidade das experiências humanas abre brechas nas normas estabelecidas. Em Torto Arado, essas brechas se manifestam nos gestos íntimos— o alisar, o toque no cabelo, a onda de calor, a saudade — que operam como forças de desvio e invenção. São nesses momentos que as personagens escapam, ainda que provisoriamente, aos regimes que as capturam, produzindo modos outros de existência. Assim, o romance de Itamar Vieira Júnior constrói uma perspectiva de liberdade que não ignora as limitações impostas pelas estruturas sociais, mas evidencia, no interior delas, possibilidades concretas de resistência e reconfiguração subjetiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS - O ARADO EM MOVIMENTO

A leitura em Torto Arado possibilita um manifesto de subjetividades femininas marcadas pela história, pelo corpo e pelo desejo. Ao lançar um olhar atento sobre a relação entre Belonísia e Maria Cabocla, percebemos que existem, nas frestas da linguagem e nas tramas do silêncio, sinais de uma existência lésbica encoberta, mas potente, inscrita no gesto cotidiano, no toque cuidadoso e na intimidade sensível entre duas mulheres. O desejo entre elas se manifesta de forma simbólica e corporal: na trança que afaga e molda, no toque que aquece e acalma, nos gestos de proteção que se repetem e se intensificam. Trata-se de um escape à lógica binária e normativa, em desobedecer às convenções do amor domesticado e das relações patriarcais. Ao narrar a relação com delicadeza e ambiguidade, o romance oferece espaço para interpretações plurais — entre a sororidade e o erotismo — e, sobretudo, cria uma brecha literária para a reexistência do afeto dissidente como potência política.

A liberdade possível, talvez, não seja a da ruptura definitiva, mas sim a das pequenas resistências: desejar silenciosamente, cuidar com ternura, lembrar com saudade, resistir com o corpo. Na sociedade patriarcal retratada em Torto Arado, as mulheres ainda são atravessadas pela imposição da norma heterossexual e pela misoginia estrutural. Ainda

assim, Itamar Vieira permite entrever formas de subjetivação insurgentes, pulsantes, que subvertem as lógicas da opressão. A homoafetividade entre mulheres, mesmo não assumida plenamente no romance, aparece como gesto de corpos interrompidos, desejo não autorizados, mas ainda assim vivido. Essa é uma das marcas da colonialidade do ser: o cerceamento do desejo como modo de dominação. No entanto, como nos mostram pensadoras como Rich, Wittig e Fatumma, amar mulheres – e desejar amar mulheres – é, por si só, um ato de desobediência política, uma ruptura simbólica com os pilares do patriarcado. Em *Torto Arado*, esse gesto é sutil, mas está lá, como um chamado que ecoa entre o silêncio da língua cortada e o calor do toque trançado.

O romance não nos dá respostas definitivas, claro, mas nos convoca a escutar o não-dito, a ler o interdito, a acolher as possibilidades de amor e de subjetividade que insistem em florescer mesmo em solo árido. A liberdade do ser, tal como apresentada na narrativa, não é absoluta, mas sim processual, fragmentada, insurgente. E é justamente nessa fissura – entre o que se cala e o que se sente – que germina a potência do desejo como resistência. Ao trançar as vidas de Belonísia e Maria Cabocla, a narrativa nos convida a pensar que o amor entre mulheres também pode ser terra fértil, mesmo quando atravessado pelo silenciamento radical – inscrito no corte da língua – que limita sua expressão, mas não sua existência.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Camila Palhares. Construções da identidade lésbica: as múltiplas narrativas teóricas de formação da subjetividade. **D'genderus: Revista de Estudos Feministas e de Gênero**, v. 1, n. 1, 2022.

CLARKE, Cheryl. Lesbianismo: um ato de resistência. *In*: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (eds.). **Esta puente, mi espalda**: voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos. San Francisco: ISM Press, 1988. p. 99-107.

DE LEÓN, Adriano. Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarcoqueer. **Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, v. 36, n. 36, 2012.

FATUMMA, Dedé. **Lesbiandade**. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. *In*: LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 61-69.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre a colonialidade do ser**: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas: Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 14 jun. 2026.

ROLNIK, Suely. **Descolonizar a subjetividade. Entrevista concedida à AJD** – Associação Juízas e Juizes pela Democracia. YouTube, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-CwE9x0gn0s>. Acesso em: 13 mar. 2026.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado**. Lisboa: LeYa, 2018.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. São Paulo: Autêntica, 2022.

Recebido em: 01/04/2026
Aceito em: 15/07/2026